

3

O FEMININO NAS ENTRELINHAS: O NÃO-TODO NO CORPO E NO TEXTO***THE FEMININE BETWEEN THE LINES: THE NOT-ALL IN THE BODY AND IN THE TEXT***

Wildicleia Oliveira Lopes¹¹
Priscila Vieira do Nascimento¹²

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre o feminino enquanto lógica psicanalítica, articulando-o à experiência da linguagem, da arte e da escrita. A partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, destaca-se que o sujeito é constituído por um desejo que vem do Outro, sendo a linguagem o campo onde esse desejo se inscreve, mas também onde falha, confunde e cria. O feminino, compreendido por Lacan como não-todo, não se inscreve inteiramente na lógica fálica, escapando à representação universalizante e aproximando-se daquilo que, na psicanálise, se entende como a verdade: uma verdade que nunca se diz toda, mas que se borda. Na tensão entre o que falta e o que escapa, arte e escrita surgem como formas de contorno do real, possibilitando ao sujeito, especialmente na posição feminina, expressar o indizível. O texto investiga como a dimensão do feminino transborda na linguagem poética e artística, encarnando-se em palavras que não se limitam à literalidade, mas que carregam marcas de gozo e de enigma. Ao escrever, artistas e sujeitos em análise tocam um saber não sabido, restituindo à linguagem a sua potência criadora. Assim, o feminino não se restringe ao gênero, mas opera como uma posição de escuta, de invenção e de alteridade. É nas entrelinhas, no espaço entre palavra e silêncio, que o feminino escreve sua verdade parcial — uma escrita que não visa a completude, mas que insiste em existir.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Feminino; Linguagem; Arte; Verdade.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the feminine as a psychoanalytic logic, articulating it with the experience of language, art, and writing. Based on the teachings of Freud and Lacan, it is emphasized that the subject is constituted by a desire that originates from the Other, with language being the field where this desire is inscribed, but also where it fails, confuses, and creates. The feminine, understood by Lacan as not-all, does not fully inscribe itself within phallic logic, thus escaping universal representation and approaching what psychoanalysis understands as truth: a truth that can never be entirely said but only bordered. In the tension between lack and excess, art and writing emerge as forms of contouring the Real, allowing the subject—especially in the feminine position—to express the unspeakable. The text explores how the feminine dimension overflows in poetic and artistic language, embodying words that transcend literal meaning and carry marks of jouissance and enigma. Through writing, both artists and analysands touch an unknown knowledge, restoring to language its creative potential. Thus, the feminine is not restricted to gender but operates as a position of listening, invention,

¹¹ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Pós-graduada em Clínica psicanalítica pelo Centro Universitário CESMAC, Graduada em psicologia pelo Centro Universitário CESMAC. Docente no curso de psicologia CESMAC do Agreste. Membro do NAE (núcleo de apoio extensão) Cemas do Agreste. Psicanalista membro do Fórum de psicanálise do campo lacaniano Alagoas (FCL-AL/ IF - EPFCL-Brasil)

¹² Doutora em Letras (DINTER- CESMAC-PUC MINAS). Pós-graduação “Lato Sensu” em Direito Processual (CESMAC). Graduação em Direito (CESMAC). Advogada. Atualmente, é professora e diretora da Faculdade CESMAC do Agreste. E-mail: priscila.vieira@cesmac.edu.br.

and alterity. It is in the interlines —between word and silence—that the feminine writes its partial truth: a writing that does not seek completeness but insists on existing.

KEYWORDS: *Psychoanalysis; Feminine; Language; Art; Truth.*

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise reafirma, com frequência, seu compromisso com a verdade do inconsciente. Psicanalistas que se lançam ao campo da escrita expandem suas produções teóricas para sinalizar a singularidade do desejo, as camadas veladas do saber e a incompletude da verdade. Sabe-se, a partir das formulações freudianas e lacanianas, que não há desejo universal, tampouco transparência total do saber ou verdade que se apresente de forma completa: pois, não existe verdade que se possa dizer toda, sua função, para a psicanálise, é criar um lugar em que por sua via, venha a ser denunciado um saber. (Lacan [1973]/2003, p.315). O método psicanalítico está fundado na aposta de que há algo a ser dito para além das palavras, considerando que o sujeito é habitado pelo mundo da linguagem, aquela que o humaniza, mas que diante de sua excentricidade também falha, falta, confunde, cria.

É em direção ao Outro que o sujeito desejante se lança: ama, sonha e orbita o que supõe ser seu mundo — artifícios magníficos da fantasia. Como escreve Quinet (2012, p.23): “O sujeito não é aquilo que o Outro aponta para ele. O sujeito se encontra alienado a esses significantes que são do Outro”. Portanto, ele é determinado por esse lugar simbólico que engendra a cadeia dos seus significantes, e que por meio dela irá pensar, agir, sentir, viver – ou morrer. Diz respeito a um lugar inconsciente onde os ditos encontram morada — demandas que se desdobram ao longo da existência.

É no encontro com a ameaça da castração que se instaura a divisão do sujeito, configurada por uma dívida simbólica, um dano imaginário – presença do real marcada pelo furo, fruto do objeto imaginário perdido. (Lacan, [1956]/1995, p. 37). A língua, que outrora encontrava no Outro uma tradução involuntária, passa a querer dizer na busca de algo encontrar. Porém, disso que se diz, muito escapa ao entendimento, e é justamente nesse ponto que se enredam os sujeitos, nas diversas formas de se estruturarem diante de si e do mundo.

A linguagem, então, se faz presente, tornando-se evidência dos impasses nas relações. As falhas na comunicação revelam perdas que se inscrevem nas cadeias significantes. Morte simbólicas que, pela palavra, se transmutam em lampejos de vida.

Palavras que fazem borda no vazio, que oferecem passagem ao desejo, sustentando a singularidade do sujeito. E do vazio — que de em vazio nada tem — se segue. Tropeça, caí, levanta, ama, sofre... escreve. Movendo-se propulso pela pulsão, que ora conduz à vida, ora à morte, mas que jamais cessa. Do real à realidade, do insabido ao que se ousa saber, a verdade se apresenta não-toda, mas com o direito de se dizer própria. Afinal, “é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade” (Lacan, [1957]/1998, p. 529).

2 ESCRITA, FEMININO E *LALÍNGUA*

É sabido, com Lacan, que a linguagem tem limites; ela não alcança o real, apenas o bordeja. Da língua à letra, da letra à palavra, da palavra ao humano, e do humano à falta. Essa é a ferida constitutiva — a ferida de *ser* humano — que não se fecha. No entanto, pela aliança afetiva entre a psicanálise e as artes, percebe-se que a dor pode produzir beleza, ainda que permaneça sendo dor. “Tom Jobim e Vinicius de Moraes (1958) já afagaram muitos ouvidos e corações com criações oriundas de suas próprias feridas. Como expressa a canção ‘Eu não existo sem você’: (...) um poeta só é bem grande se sofrer.”

O amor mais tenro, frustrado no desencontro, torna-se livro, música, poema, arte. Não é possível alcançar exatamente o que o artista quis expressar, mas algo disso atravessa aquele que sua produção encontra. Há na arte, tal como na clínica, uma verdade que não se apresenta como totalidade, mas que se inscreve por suas fissuras, silêncios e entrelinhas. E é nesse ponto que o feminino comparece — não como gênero, mas como lógica.

Freud, ainda em 1933, admitia seu espanto diante das indagações que rondavam a sexualidade feminina: “Sobre o enigma da feminilidade ruminaram os seres de todos os tempos.” (Freud, [1933]/2019, p. 314). A formulação freudiana não é apenas uma curiosidade clínica, mas a enunciação de um enigma estrutural: há, no feminino, uma opacidade à significação fálica. Isso que não se deixa recobrir, que escapa à definição, é o que Lacan mais tarde irá localizar como o não-todo (*pastout*).

Ao introduzir a lógica do não-todo, Lacan propõe que a mulher — ou melhor, o feminino — não se inscreve inteiramente no lado fálico da sexuação. A mulher não existe, afirmou Lacan ([1972]/2003), querendo dizer que não há um significante universal que a

represente. O feminino se conta uma a uma, tal como a verdade, que “se situa ali onde o sujeito nada pode captar senão a própria subjetividade que constitui um Outro como absoluto” (Lacan, [1955]/1998, p. 22).

Mulher e verdade: ambas não podem ser ditas por completo. Os seres falantes que experimentam a inquietação do saber deparam-se com a impossibilidade de definições absolutas. Isso aproxima o feminino do que, em psicanálise, entendemos por verdade — uma verdade que advém de um saber não sabido, não dito à luz da consciência. Há sempre uma outra cena, onde as cartas são escritas e, inevitavelmente, encontram seus destinos. (Lacan [1956]/1998, p. 27).

É nesse movimento de borda e invenção que as mulheres e os artistas, em suas posições não-toda, se servem dos adornos: elas no corpo, eles nos textos. A escrita, então, não se reduz a um significante, mas transborda. Transgride. Reinventa. Tal como no poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar (1980), vemos emergir o feminino como vertigem e linguagem:

Uma parte de mim é todo mundo; outra parte é ninguém: fundo sem fundo. (...)
Uma parte de mim é só vertigem; outra parte, linguagem. Traduzir-se uma
parte na outra parte — que é uma questão de vida ou morte — será arte?

Clarice Lispector em seu livro *Água viva* (1998, p.15), escreve com o corpo: vivo, quente e entregue à palavra:

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada. O que te direi? te direi os instantes. Exorbits-me e só então é que existo e de um modo febril. (...). A duração de minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja no tique-taque dos relógios.

Mesmo sem se propor a alcançar o coração do leitor, a escrita chega, circula, colore. Lança-se a ser para alguém, na beleza de uma alteridade feminina, enlouquecida de amor. Afinal, como Lacan pontua: O amor é a forma radical do dom em dar aquilo que não se tem. (Lacan, [1958]/1998, p. 698). Amor e arte compartilham esse impossível. Amor e feminino caminham juntos no descompasso, na contramão da completude. Beirando muitas vezes o desarrazoado de uma existência, como afirma Miranda (2017, p.18): “O gozo feminino está em concordância com a Coisa”, há uma relação direta com a alteridade, com a outra de si mesma “e que, à sua revelia, as tornam loucas em

determinados encontros.” Quando essa alteridade se debruça em um papel, vidas se espalham nas linhas, verdades outras preenchem o infinito de tantas existências que escutam para além das palavras verbalizadas. As produções artísticas ultrapassam os efeitos da oralidade – ainda que as palavras estejam numa tela, numa canção ou em um texto – elas alcançam a voz que vem do Outro, com os ouvidos do imaginário que percorrem a cadeia dos significantes, transpassando o Eu, ecoando no real.

Freud já estava atento a essa potência artística, aos seus efeitos. Olhava o poeta e o poema com olhos de curioso. Ele queria saber, descobrir, sentir. Acreditava na arte. Entendia que os poetas possuem qualidades que os habilitam a conciliar as exigências da fantasia com a realidade, tendo a sensibilidade para perceber moções psíquicas que estão ocultas em outras pessoas, com a coragem de deixar seu próprio inconsciente falar em voz alta. (Freud [1910]/2019 p. 121). Os estudos de Lacan seguem tratando do real e do gozo, dando, ao fim de seu ensino, um novo olhar às suas elaborações iniciais sobre o Outro: antes, visto como o que antecedia o sujeito; mais à frente, como antecedido por ele.

Há algo no sujeito que preexiste à criação simbólica do Outro, algo que faz vínculo com o campo do gozo próprio: o Um, como singularidade, o que leva Lacan à formulação do conceito de *alíngua*, que na materialidade da língua se aloja. *Alíngua* ou *lalíngua* (*lalangue*) é aquilo que cai do “Outro desorganizado, caótico, portador de uma fala disjunta da estrutura da linguagem, que vale pelas ressonâncias e efeitos de gozo que provoca no corpo” (Caldas, 2007, p. 54). Sobre os efeitos de *alíngua*, Lacan pontua:

A linguagem, sem dúvida, é feita de *alíngua*. Uma elocubração de saber sobre a *alíngua*. [...] *Alíngua* nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de *alíngua*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. (Lacan, 1973/2008, p. 149).

Há uma comunicação entre inconsciente e *alíngua* pelo saber que ambos compartilham, saber este de que a linguagem não dá conta e que, no corpo, escapa sob a forma de gozo. Pela materialidade da fala e da escrita, as palavras podem simbolizar os significantes que, banhados pelo gozo, marcam o corpo, servindo de contorno para aquilo que escapa à literalidade, mas que marca um lugar entre terra e mar, na linha fronteira da divisão do sujeito do inconsciente. A mãe fala ao filho, e sua língua produz ecos que

não têm garantias em sua dimensão: os ruídos e as ranhuras que ficarão dessas falas restarão como enigmas.

A escuta atrapalhada faz das histórias humanas dilemas, amores e caos, e cada um terá que se haver com isso. Alguns seguirão ferindo a si e àqueles com quem se relacionam; outros encontrarão meios de suportar tais ecos, seja escrevendo, pintando, trabalhando, amando ou, de forma mais aprofundada, em uma análise. Não há roteiro generalizado para lidar com a vida (ou com a morte): cada um criará seu percurso, uns com mais sucesso, outros nem tanto, e haverá aqueles que não terão sucesso nenhum.

Algo extrapola o texto e abala os corpos: algo desconhecido que flutua sobre as palavras e que faz o leitor colocar-se em cena, guiando-se por um personagem que, sutilmente, o convida a participar de sua aventura amorosa, seu drama ou sua tragédia. De acordo com Heloisa Caldas:

A literatura é uma escrita que se deposita fora do corpo, seja no papel ou na tela do computador. Mas ela só existe porque um corpo a escreveu, razão pela qual ela depende do que nesse corpo já era escrita. [...] É bem verdade também que, se a escrita morre ao se separar do corpo, revive ao alcançar o corpo do leitor [...]. (Caldas, 2007, p. 59).

Pelo viés da psicanálise, o corpo, seja do leitor ou do escritor, amontoado de significantes, sente, se afeta, não enquanto corpo de carne e osso, mas enquanto uma conjuntura de dizeres que o marcam, fazendo estremecer algo que faz menção à sua verdade por meio de um corpo imaginário, montado pela função simbólica. Palavras que nesse âmbito não são analisadas por seu valor semântico, mas por seu efeito de escuta, pois “o pensamento, o engajamento, a própria vida e, acima de tudo, a escrita são obras da linguagem” (Kristeva, 2019, p. 38).

Pelo efeito originário do véu da humanização, o real do corpo torna-se um chamado a elevar-se, a erguer-se, marcando um corpo que não é apenas material, mas que pode ser imaterializado pelo enxerto do véu imaginário e da palavra, esta que, com seu poder criador, pode transgredir o código, deixando que apareçam significações inéditas (Didier-Weill, 2014). Aqui corre o feminino, com seus enigmas que se amontuam no corpo, que não coletiviza, que transborda à significação fálica e faz da máscara sua companheira. É no não-todo que a arte se revela, mostrando o quanto o humano transita entre margens

e profundezas — no entre, no intervalo, nas entrelinhas. E é ali, nesse espaço que escapa ao cálculo e à definição, o que o feminino é capaz de escrever.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido neste trabalho permitiu refletir sobre o feminino como uma lógica estrutural vinculada à linguagem e ao campo da verdade na psicanálise. Partindo da premissa de que o sujeito é constituído por um desejo que advém do Outro, e que a linguagem está marcada por falhas, excessos e silêncios, tornou-se possível compreender o feminino não como identidade de gênero, mas como posição de abertura ao não-sabido, à incompletude e à criação.

Através da análise da relação entre sujeito, linguagem, arte e escrita, o artigo alcança o objetivo de evidenciar como o feminino — enquanto não-todo — inscreve-se nos modos de dizer e de criar, especialmente quando articulado à experiência estética. A escrita, nesse sentido, foi abordada como um dispositivo que borda o real, oferece passagem ao gozo e torna possível tocar uma verdade que não se apresenta em totalidade, mas que insiste em emergir nas entrelinhas do texto, da fala e do corpo.

A pesquisa, assim, confirma a hipótese de que o feminino, quando compreendido em sua lógica própria, revela-se fundamental para pensar as manifestações subjetivas que escapam à representação plena. Atravessando os campos da psicanálise e da arte, esse eixo oferece uma abertura fecunda para futuras investigações sobre as formas singulares de expressão do sujeito, especialmente aquelas que se lançam fora da norma, em direção ao enigma. Fica como desdobramento a possibilidade de aprofundar a função poética da linguagem como testemunho e efeito da alteridade radical do sujeito.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Heloísa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra-capas, 2007.

DIDIER-WEILL, Alain. A nota azul: de quatro tempos subjetivantes na música. *In*: DIDIER-WEILL, Alain. **Nota azul**: Freud, Lacan e a arte. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2014. p. 9-79.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**: a feminilidade (1933). Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**: sobre um tipo particular de escolha de objetos nos homens (1910). Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GULLAR, Ferreira. **Na vertigem do dia** [Poema “Traduzir-se”]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

JOBIM, Antonio Carlos; MORAES, Vinicius de. Eu não existo sem você. In: **Canção do amor demais**. Intérprete de referência: Sylvia Telles. [S.l.]: Odeon, 1958. LP, 33

KRISTEVA, Julia. **Beauvoir presente**. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

LACAN, Jacques. Nota italiana (1973). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003f. p. 311-315.

LACAN, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada” (1955). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998e. p. 13-66.

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003g. p. 448-500.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a. p. 496-533.

LACAN, Jacques. As três formas da falta de objeto (1957). In: LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 4**: relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 37.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 685-703.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MIRANDA, Elisabeth da Rocha. **Desarrazoadas**: devastação e êxtase. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017. p. 18.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Artigo enviado em: 01/08/2024

Artigo aceito para publicação em: 15/12/2024.